

Luta dos fracassados

NORMAN GALL
Especial para o Estado

A Venezuela está engajada numa luta entre dois sistemas fracassados. A confirmação pelo Conselho Nacional Eleitoral (CNE) que a oposição colheu assinaturas suficientes para convocar um referendo para revogar o mandato do presidente Hugo Chávez abre uma nova fase nessa luta.

Chávez surgiu como figura central na encruzilhada em que a América Latina se acha entre o populismo e a luta dos regimes democráticos para manter a estabilidade política e econômica. Essa estabilidade não podia ser mantida após quatro décadas de “partidocracia” (1958-98) – dominadas pelos partidos Ação Democrática (AD) e pela coligação social-cristã Copei –, o único período desde sua independência em que o país podia fugir do ciclo vicioso de ditaduras e guerras civis. Em 1998, a Venezuela de novo escolheu o caminho do populismo ao eleger Chávez com 56% dos votos.

Em nome de sua “Revolução Bolivariana”, proclamada em sua fracassada tentativa de golpe de 1992, o ex-pára-quedista Chávez tenta impor aos venezuelanos seu coquetel de fidelismo e militarismo, inventando artificios jurídicos para consolidar seu poder. “Não importa se passamos fome ou andamos descalços se podemos preservar a revolução”, diz. Mas essa revolução não vingou num ambiente até agora regido por normas de democracia e liberdade, por mais falhas e fracas que sejam.

De fato, a Venezuela está ficando mais pobre, muito mais pobre, apesar da renda do petróleo. A economia cresceu cerca de 6% ao ano nas décadas de 60 e 70, mas o crescimento está estancado desde 1980. Mais recentemente, conflitos políticos sangrentos agravaram um remoinho de desorganização, com perda de 17% no PIB em 2002-03.

Nos próximos dias, semanas ou meses, Chávez pode deixar o poder por renúncia ou pela por renúncia ou pela revogação de seu mandato. Segundo as pesquisas de opinião, o apoio a Chávez caiu de 80%, no auge de sua popularidade, a 30-40%. Vários militares e líderes da esquerda que apoiaram Chávez agora militam na oposição.

Chávez reconhece que a Coordenação Democrática (CD), uma coalizão de grupos de oposição, obteve assinaturas suficientes para convocar o referendo revogatório. “Ouvi setores da oposição afirmando que me derrotaram”, disse Chávez num discurso pela TV na quinta-feira à noite. “Devo dizer a eles e aos que me seguem que, na minha alma, não tem nada de derrota. Agora começa o jogo. A oposição vem jogando sozinha. Não é bom cantar vitória antes da hora.”

No referendo, a CD precisa mobilizar mais de 3,76 milhões de votos contra Chávez – o número de eleitores que votaram nela na última eleição – para revogar seu mandato. Alguns amigos de Chávez acham que ele deve renunciar para concorrer nas novas eleições: uma opção vista como viável com a maioria chavista no Parlamento disposta a mudar a Constituição para permitir isso.

Existem muitos Estados falidos no mundo, mas poucos foram tão ricos como a Venezuela. O empobrecimento do país dramatiza o espetáculo colossal de oportunidades desperdiçadas numa sociedade atrasada, inundada por dinheiro de petróleo depois da descoberta em 1917 de reservas enormes por companhias estrangeiras.

Em outras épocas, Caracas, encostada num vale estreito, fervia de esperança. Cobrindo a revolta popular-militar que derrubou a ditadura de Marcos Pérez Jiménez como jovem repórter da revista *Momento*, o romancista colombiano Gabriel García Márquez qualificou Caracas de “uma cidade apocalíptica, apocalíptica, irreal, desumana”. A riqueza do petróleo atraiu migrantes de todo canto, do interior rural, da Colômbia, também italianos, portugueses, espanhóis, norte americanos. Mas o

populismo estéril já se havia radicado. O chefe do então novo governo interino,

Almirante Wolfgang Larrazábal, já era candidato presidencial às eleições de 1958, ganhando grande maioria dos votos de Caracas com seu “Plano de Emergência”, em que convidou os camponeses a migrarem para Caracas e construir barracos, garantindo-lhes salários para trabalharem em obras públicas, reais e fictícias. Desde 1950, a população da Venezuela multiplicou-se cinco vezes, com uma das taxas de crescimento urbano mais altas do planeta. Como outros países da América Latina têm aprendido, promessas populistas de assistencialismo quebram o Estado e não produzem resultados efetivos. Podem ganhar votos, mas não se sustentam.

Curiosamente, a trajetória política de Chávez mostra paralelos com o radicalismo militar do presidente da Líbia, Muamar Kadafi. Ambos nasceram em regiões afastadas e pobres, Kadafi numa família de beduínos nômades no deserto de Sirte, Chávez como filho de pobres professores do Estado Barinas, perto da fronteira entre Venezuela e Colômbia. Ambos começaram cedo a carreira militar. Ambos utilizaram sua subida turbulenta ao poder para pregar um messianismo de revolução continental, Kadafi no pan-arabismo e pan-africanismo (salpicado com aventuras terroristas), Chávez no “bolivarianismo” latino-americano. Em Caracas, os contrastes hoje são gritantes. Nos bairros privilegiados, afloram mansões de uma vulgaridade agressiva e pretensiosa, jamais vista em outras capitais de América Latina, e prédios residenciais de alto padrão, todos sobreviventes da febre de especulação imobiliária das décadas douradas. O cotidiano é de sujeira, crescente violência, decepção e, sobretudo, falta de idéias.

Os homicídios triplicaram na última década, aumentando em 50% em 2002-03 para atingir uma taxa de 50 para cada 100.000 habitantes, maior que no Brasil. As favelas ficaram paradas no tempo, sem o progresso material ou institucional, ainda que modesto e deficiente, que vemos nas periferias de São Paulo ou Lima. Os donos portugueses das quitandas e açougues dos bairros pobres têm cedido seus postos aos nativos, que atendem seus fregueses atrás de grades.

As únicas inovações aparentes nesses bairros são as pequenas edificações redondas de dois andares, construídos como pequenos quartéis, que servem de clínicas e dormitórios para os médicos e enfermeiras cubanos enviados à Venezuela por Fidel Castro em troca do petróleo que Chávez manda para Cuba. As relações de Chávez com Fidel são cada vez mais estreitas.

Nas casas humildes no velho centro de Havana, retratos dos dois caudilhos são colocados em lugares de honra, lado a lado. Além de abastecer Cuba com petróleo, a solidariedade de Chávez permite que óleo venezuelano seja entregue a terceiros países e pago a Cuba.

Para muitos, a Venezuela está polarizada entre o chavismo e a oposição democrática. Mas as forças democráticas, empenhadas em derrubar Chávez, não propõem alternativas para legitimar o sistema comum estratégia de desenvolvimento e justiça. Nem falam disso. Esse é o desafio para o futuro. Se não o encaram, outros Chávez podem surgir.

Norman Gall é diretor-executivo do Instituto Fernand Braudel de Economia Mundial. (ngall@braudel.org.br) Morou na Venezuela seis anos (1968-74) e voltou lá recentemente

Chávez surgiu do embate entre o populismo e os regimes da “partidocracia”